

**As Marias sertanejas: saga, trajetórias e memórias das 'viúvas de maridos vivos'
do sertão norte mineiro**

Elaine Cristina Lopes Costa Magalhães
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil;
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil
Endereço eletrônico: elaine.costa@ifnmg.edu.br

1792

Ana Elizabeth Santos Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

Palavras-chave: Trabalho. Gênero. Mulheres sertanejas. Memória

INTRODUÇÃO

Esta comunicação científica apresenta breves explicações acerca da centralidade trabalho e Educação e como se deu a construção do papel social atribuído a homens e mulheres no contexto rural e seus intervenientes. Tem como objetivo explorar as memórias de mulheres do sertão mineiro, a partir da compreensão de como a experiência da tríade trabalho educação e maternidade afetou ou determinou a trajetória de suas vidas.

A pesquisa investiga como a dinâmica cultural e familiar de gênero influenciou a vida de mulheres, os seus impactos e desdobramentos nas gerações subsequentes. A proposta é interrogar como se deu a construção e desconstrução da identidade de gênero, evidenciando as relações de dominação e poder nas quais elas foram inseridas.

O estudo objetiva mergulhar nas narrativas da vida pregressa de um grupo singular de mulheres do norte de Minas Gerais: “viúvas de maridos vivos”, hoje idosas com idades entre setenta e sete (77) e cento e dois (102) anos. Essas mulheres, mães, avôs, bisavôs, oriundas de comunidades rurais, atualmente residem na cidade para onde migraram em busca de melhores atendimento na área de saúde e tem a aposentadoria rural como a principal fonte de renda. Suas vidas foram moldadas pela cultura sertaneja, pelas tradições familiares que foram profundamente enraizadas e carregam consigo marcas da resistência

Realização:



Apoio:



territorial, resiliências e da submissão patriarcal. Essas afirmações vão ao encontro do proposto por Wanderley (1996, p.13) quando saliente que dentro das dimensões da vida rural, encontra-se a necessidade de construir um território familiar, um lugar de vida e trabalho capaz de guardar a memória da família e de reproduzi-la para as gerações posteriores.” Essas mulheres trazem memórias de um trabalho árduo, de uma maternidade solitária e de uma educação formal descompassada e marcas indeléveis da cultura social e sexual de gênero e seus desdobramentos.

No contexto das comunidades sertanejas, a interseção entre maternidade, trabalho e educação muitas vezes resultou em trajetórias femininas interrompidas, relegadas ao silêncio e à invisibilidade. Desse modo, esta pesquisa busca dar voz a essas mulheres, explorando suas experiências e memórias vivas, destacando os desafios enfrentados e as estratégias de resistência empregadas para driblar a escassez financeira e o abandono marital “regular” e outros efeitos nefastos dessa cultura. Portanto, oferece uma perspectiva crítica sobre as dinâmicas de gênero, trabalho e educação, em contextos específicos.

A presente pesquisa dialoga com autores do campo do trabalho, educação e gênero em interface com a memória, buscando desvelar o papel atribuído à mulher no interior das relações conjugais e sociais. A abordagem teórica se dará a partir do conceito de trabalho, educação e gênero como fenômenos sociais, ancorados no materialismo histórico. Ademais a reflexão sobre trabalho abarca toda a vida social, e a educação não está apartada dele, como bem define Ciavata (2019), ou seja, são verdadeiras categorias históricas pelos elementos que os constituem, e traz para o cerne das discussões, as transformações da vida.

A interface com a memória reside na compreensão de como essas trajetórias pessoais influenciaram gerações subsequentes e na formação de memórias coletivas. Neste sentido, a pesquisa propõe articular a memória individual como vestígios culturais coletivos para compreender a relação entre a expressão do vivido e seus desdobramentos e a dinâmica do recordar. Desse modo, a proposta é articular as narrativas de submissão x resiliência dessas mulheres a partir de suas memórias acerca do trabalho, da educação e a tarefa do cuidado, expressa especialmente através da maternidade solitária. A pesquisa tem como objetivo apresentar e refletir sobre as estratégias mobilizadas por um grupo de mulheres manterem sua firmeza e altivez e técnicas de sobrevivência ante as experiências traumáticas de abandono e escassez.

Realização:



Apoio:



A discussão da memória se vincula a estas abordagens, na medida em que a elaboração das trajetórias pessoais e coletivas pode estar orientada segundo valores, normas e experiências apreendidas ou vivenciadas em contextos familiares e sociais. A proposta visa articular a memória individual como vestígios culturais coletivos para compreender a relação entre a expressão do vivido, seus desdobramentos e a dinâmica do recordar, assim como defende Halbwachs (1968) ao argumentar que a memória individual é influenciada e moldada pelos marcos da memória coletiva. As pessoas relembram e reinterpretam suas próprias experiências à luz das narrativas coletivas compartilhadas por seu grupo social. Pensar em memória na perspectiva de Halbwachs é, portanto, pensar nas múltiplas novas correlações que vão surgindo no dinamismo da vida cotidiana. Portanto, interessa-nos reavivar essas memórias e conhecer como processam os acontecimentos, bem como esta reconstrução através do ato de lembrar se relacionam ao seu presente, uma vez que a lembrança carrega consigo marcas desse sujeito atual, fazendo as seguintes indagações: As memórias presentes no grupo reportam a que modo de vida? Que concepção de trabalho e educação foram vividos e reproduzidas pelas mulheres da família?

A pesquisa bibliográfica dará a sustentação teórica aos elementos levantados no campo empírico; a viabilidade da execução desta proposta de estudo consiste no fato das pesquisadoras terem acesso às fontes primárias.

Por fim, a pesquisa tem como objetivo apresentar e refletir sobre as estratégias mobilizadas por um grupo de mulheres manterem sua firmeza e altivez e técnicas de sobrevivência ante as experiências traumáticas de abandono e escassez.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa de revisão com busca sistemática e seleção de referenciais bibliográficas da área. A atividade discursiva terá sua continuidade num espaço dialógico sensível, mas de perfeita interlocução entre ciência, a memória e a materialidade da vida de mulheres reais. Será realizada observações exploratórias e seguirá de pesquisa empírica com entrevistas semiestruturadas como principal método de coleta de dados com 10 mulheres. Para a coleta de dados, serão feitas narrativas semiestruturadas buscando pela oralidade fugir de respostas planejadas, explorando a espontaneidade e a diversidade de categorias evidenciando as vivências pessoais que se mostrem coletivas.

Realização:



Apoio:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não obstante a trajetória feminina que não galgou conquistas equilibradas entre os espaços públicos (rua) e privados (lar). As relativas conquistas quanto à inclusão e à ampliação de sua escolarização e o acesso ao mercado de trabalho se deram com o acúmulo de atribuições e alargamento de sua jornada de atividades, sem alterar a divisão sexual e social do trabalho, e o caráter econômico define ou reforça a hierarquização das relações de dominação e vai sedimentando o subjugo masculino, às vezes ainda que manifestado na sutileza das ações do cotidiano.

Até os dias atuais, as mulheres desempenham papéis multifacetados, que vão desde o trabalho doméstico até atividades agrícolas e econômicas, a interseção entre maternidade e trabalho molda não apenas suas vidas individuais, mas também influencia dinâmicas familiares, sociais e econômicas. A divisão tradicional entre o espaço público e privado foi rigidamente demarcada, relegando as mulheres ao lar e limitando seu acesso à educação e ao trabalho remunerado fora de casa. Este contexto histórico impôs desafios significativos e limitou possibilidades a mulheres.

CONCLUSÕES

Não obstante reconhecer as contribuições da educação como mediadora das interações sociais, e dos tímidos avanços na divisão sexual do trabalho, a mulher não galgou conquistas equilibradas.

Reconstruir suas memórias e experiências, tornam-se necessárias, uma vez que possibilitam a reconciliação com seu passado a partir da elaboração e da ressignificação das suas vivências anteriores, que podem transformar memórias feridas em memórias apaziguadas. Suas narrativas são essenciais para a compreensão de identidades individuais e coletivas, oferecendo um vislumbre de como o trabalho, a educação e as relações de gênero são entrelaçadas na vida das mulheres sertanejas. Saffiot (1974) já pontuava que o problema da mulher não é algo isolado da sociedade. O capitalismo pode até se revelar maleável e estimular mudanças nesse campo, mas isso não significa que ele ofereça mudanças e plenas possibilidades de integração feminina, ao contrário, estimula mecanismos de desvantagem e atua de forma conveniente para manutenção das estruturas de classe.

Realização:



Apoio:



A pesquisa destaca a necessidade de uma abordagem sensível e interseccional que reconheça as complexidades das vidas dessas mulheres e contribua para ampliar seu reconhecimento na história social e cultural. Valendo-se da memória, o sujeito se reconhece no espaço social que a referência e, através dela, podem emergir elementos indispensáveis para a elaboração de identidades e pertencimento a uma classe social determinada, de trajetórias e percursos individuais.

REFERÊNCIAS

CIAVATA, M. Trabalho Educação – Uma unidade epistemológica, história e educacional. Revista trabalho necessário. V.17, nº32, (2019).

ENGUITA, Mariano. O Trabalho atual como forma histórica. In: ENGUITA, Mariano. A face oculta da escola. Tr. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 3-31.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Traduzido do original francês. La Mémoire Collective (2ªed.) Presses Universitaires de France. Paris, França, 1968.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Tr. Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAFFIOT, Heleieth. A mulher na sociedade de classe. São Paulo: Expressão Popular, 1976.

WANDERLEY, M. de Nazareth Baudel. O mundo rural como um espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da t. agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

Realização:



Apoio:

